

## O anjo pornográfico original: a desumanização de Sylvia Serafim

*Sergio Schargel<sup>130</sup>*

**Resumo:** No dia 26 de dezembro de 1929, a jornalista e escritora Sylvia Serafim invadiu o jornal *A Crítica*, no Rio de Janeiro, e assassinou o filho mais novo do editor, Roberto Rodrigues, irmão de Nelson Rodrigues. O crime foi motivado por uma matéria publicada no dia anterior em que Sylvia aparecia sendo acariciada por um médico, sugerindo um adultério, embora fosse desquitada. O assassinato de Roberto – e o julgamento de Sylvia – se tornou palco para uma cisão social entre grupos progressistas e conservadores/reacionários, os primeiros defendendo que Sylvia agiu em legítima defesa de sua honra e os segundos, como personificado pela declaração do advogado de acusação, afirmando que a assassina teria trocado “sua condição de anjo do lar pela profissão de jornalista, para satisfação de sua vaidade” e cometido um “ultraje á família brasileira”. O assassinato entrou à memória coletiva; se tornou filme, livro, tese, teatro, biografia. Perdura, ainda hoje, quase 100 anos depois, a cisão ideológica e política a partir das paixões que o caso movimentou; comentários de um episódio do programa Linha Direta sobre o assunto repete, por exemplo, comentários semelhantes aos veiculados na grande imprensa durante o julgamento. Todas essas narrativas desumanizam Sylvia de uma forma ou de outra: nenhuma trata de sua produção intelectual e artística, que caiu no esquecimento, sempre limitada a sua função de assassina. A proposta deste trabalho é humanizar a intelectual, promovendo um resgate de sua produção em contato com tudo que se criou sobre ela, permitindo, no processo, visões mais complexas e menos maniqueístas sobre uma jornalista e poetiza transformada unilateralmente em anjo Serafim caído, em verdadeiro anjo pornográfico, conforme seu sobrenome permite o trocadilho. Metodologicamente, se trata de uma reconstrução entre as produções sobre Sylvia, o arquivo herdado de sua família e sua produção poética, em perspectiva interdisciplinar.

---

<sup>130</sup> Doutorando em Literatura Brasileira pela USP e doutorando em Comunicação pela UERJ. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestrando em Ciência Política pela UNIRIO. Bacharel em Comunicação Social, Jornalismo e Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, ambas pela PUC-Rio. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, pós-memória, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim Thibau.

**Palavras-chave:** Sylvia Serafim Thibau; Nelson Rodrigues; *A Crítica*; desumanização; narrativas migrantes.

A história do assassinato de Roberto Rodrigues já recebeu diversas versões. De *O anjo pornográfico*, de Ruy Castro; a um episódio de *Linha Direta*, *A primeira tragédia de Nelson Rodrigues*; além de livros como *Sylvia não sabe dançar*; entre tantas outras. Algumas exageram em alguns detalhes, distorcem alguns pontos, modificam pedaços. São versões heterogêneas sobre um fragmento em particular, mas todas elas revelam o mesmo traço maniqueísta e unilateral: a necessidade de um vilão. Às vezes os vilões são os Rodrigues, com frequência é Sylvia, às vezes até Armando Serra Menezes, bisavô do autor, que entra na história quase em seu desfecho. Ademais, todas as narrativas se mostraram, até hoje, incapazes de aprofundar a personagem de Sylvia, invariavelmente interpretada de forma simplista. Sua produção como escritora e jornalista foi esquecida, apagada, restou apenas a memória coletiva de seu crime. Talvez pelo próprio silêncio da família de Sylvia.

Em resumo, a versão canônica do assassinato, conta que Sylvia Serafim Thibau, poetisa e jornalista, filha de um auxiliar de Oswaldo Cruz, frequente na alta sociedade carioca, invadiu a redação do jornal dos Rodrigues, *A Crítica*, e assassinou Roberto Rodrigues com um tiro na barriga. Com ilustração de Roberto, a matéria de primeira página do mesmo dia trazia uma imagem de Sylvia sendo acariciada, sugerindo um adultério, com a chamada “Entra hoje em juízo nesta capital um rumoroso pedido de desquite! [...] Há uma grande ansiedade em conhecer os motivos da separação do casal doutor Thibau Junior”. Sylvia havia se desquitado de seu marido. Irritada com a exposição de sua vida privada, mesmo após o jornal ter prometido que não publicaria a história, Sylvia invadiu a redação com a intenção de matar Mário Rodrigues que, por não estar, foi substituído pelo filho. Mário Rodrigues morreria dois meses depois de trombose cerebral, segundo Ruy Castro (1992, p. 94), consequência da depressão causada pela perda do filho. Um jovem Nelson Rodrigues estava na redação e presenciou o assassinato de seu irmão, um trauma que o marcaria por toda a sua vida, conforme ele próprio afirma: “o meu teatro não seria como é, nem eu seria como sou, se eu não tivesse sofrido na carne e na alma, se não tivesse chorado até a última lágrima de paixão o assassinato de Roberto.” (*Linha Direta*, 2007) Sylvia foi presa em flagrante e julgada em um grande espetáculo midiático, o primeiro julgamento a ser transmitido pelo rádio.

O maniqueísmo nas narrativas sobre Sylvia começa logo após o assassinato e perdura até os dias de hoje. O embrião dessa divisão é uma disputa política: o julgamento de Sylvia foi uma espécie de personificação de palco para uma luta entre feministas e progressistas de um lado e conservadores do outro. Os primeiros defendiam que a ré teve sua vida privada exposta, sua honra ofendida e atacada por ser uma mulher desquitada e feminista; ao passo que o outro grupo defendia que Sylvia havia ofendido as mães brasileiras, destruído uma família e assassinado um “artista de vinte e três anos de idade, chefe de família, profundamente honesto, com o fulgor de um grande talento e de virtudes inexcedíveis”, conforme aparecia na nota vinculada diariamente no jornal. Uma das manchetes de *A Crítica* afirmava que a defesa de Sylvia por grupos progressistas era um “ultraje à família brasileira. Os amigos da assassina Sylvia Serafim tentam equiparar-a às virtuosas damas de nossa sociedade! [...] A família brasileira paira muito acima de todas essas indignidades.” Max Gomes de Paiva, advogado de acusação no julgamento, personificou esse argumento ao afirmar que a ré “Trocou sua condição de anjo do lar pela profissão de jornalista, para satisfação de sua vaidade” (CASTRO, 1992, p. 98). Por trás da cisão política e ideológica, seguiu-se uma batalha midiática entre os *Diários Associados* de Chateaubriand, de quem Sylvia era colaboradora, e *A Crítica* e os aliados da família Rodrigues (CASTRO, 1992, p. 89), o que adiciona nova camada sobre as narrativas.

Tomada como bode expiatório e no cerne dessa disputa político-ideológica, Sylvia sofreu um processo de desumanização, interpretada de forma maniqueísta por ambos os lados, ora sacralizada, ora demonizada. Uma desumanização cuja herança se percebe ainda hoje, considerando a dificuldade de encontrar sua obra literária e jornalística, embora seu crime ainda esteja bastante presente na memória coletiva e na cultura popular, basta tomar como parâmetro a quantidade de produtos culturais e trabalhos acadêmicos que ao menos a citaram. Para efeito de exemplo, em um levantamento simples no *Google* com algumas palavras-chaves, foram encontrados cerca de 30 trabalhos acadêmicos - entre teses, dissertações, artigos e ensaios. Quase todos, porém, reproduzem as versões canônicas, principalmente do livro de Ruy Castro, e se limitam a repetir os detalhes do assassinato e seu impacto na família Rodrigues ou em Nelson. Nenhum desses trabalhos se aprofunda na personagem de Sylvia Serafim Thibau, sempre limitada apenas à sua função de assassina.

É pertinente assumir que houve uma relação de gênero com a desumanização; e uma relação política, afinal, Sylvia se afirmava feminista e socialista, escrevia para *O*

*Jornal*, entre outros jornais da cadeia *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, desavença e rival dos Rodrigues. Sylvia foi, inclusive, amparada psicológica e financeiramente por Chateaubriand durante todo o processo; um de seus jornais chegou até mesmo a publicar uma manchete dizendo “JUSTO ATENTADO!” (CASTRO, 1992, p. 89), enquanto outro publicou uma coluna provocativa da jornalista após o atentado intitulada *Pelo direito de matar* (CASTRO, 1992, p. 92). Portanto este trabalho permite, em última instância, contribuir para o processo de inclusão de vozes silenciadas no cânone intelectual brasileiro, como tem sido feito com outras literatas recentemente como Carolina Maria de Jesus. Ademais, pode contribuir para vislumbrar aspectos através dos quais desviantes femininos são desumanizados pelas estruturas patriarcais, pontos relevantes para questionar as divisões sociais de gênero.

A aproximação sanguínea, ao contrário do que se pode pensar em primeira instância, atua como uma catapulta apropriada para desenvolver a pesquisa. É apenas por consequência dessa aproximação que se torna possível obter e dissecar os materiais primários, como os artigos inéditos de Sylvia em diversos jornais da época, principalmente nos da cadeia dos *Diários Associados*, a maior parte levantando temas polêmicos para a época tais como emancipação feminina e direitos dos trabalhadores. É perceptível a atualidade de diversos de seus artigos. A efeito de exemplo, em um artigo publicado em *A Gazeta*, intitulado *Feminista*<sup>131</sup>, Sylvia afirma que “Sob a reprovação quasi que geral, a feminista é no entretanto a mulher mais verdadeira e nobremente mulher.” Em outro, *O trabalho intelectual feminino*<sup>132</sup>, publicado também em *A Gazeta*, defende que

Muitos espíritos femininos há que para a existência monótona e caseira foram feitos... Porém os outros?... Aquelles cuja potência intelectual se debate no círculo estreito e monótono dos afazeres domésticos tal um filho d’água na gaiola de um canário? Será preciso que para seguirem seu destino tenham de renunciar à felicidade, e que a satisfação de sua personalidade intelectual seja incompatível com a realização de suas aspirações sentimentaes?

Para além apenas dos cerca de 50 artigos e ensaios herdados, o mesmo arquivo contém edições de *A Crítica*, além de alguns dos jornais de Chateaubriand para os quais Sylvia colaborava, como *O Jornal*. Este ponto é fundamental para interpretar as disputas

---

<sup>131</sup> Anexo 3.

<sup>132</sup> Anexo 4.

narrativas que surgem já naquela data. Os jornais em 1929 e 1930 representam a primeira cisão sobre a autora, cada um apontando sua própria versão de acordo com os seus interesses, um processo que inevitavelmente se intensificaria conforme o tempo passou. Personalidades como Bertha Lutz, grupos feministas e progressistas, além de Chateaubriand e seu império midiático, se posicionaram maciçamente a favor de Sylvia; enquanto os Rodrigues insistiam em uma campanha de difamação, empregando seus recursos na tentativa de vingança. Para o primeiro grupo, Sylvia era uma mulher humilhada que apenas defendeu sua honra; para o segundo, a encarnação do mal no mundo. Não sem motivo seu julgamento recebeu tanta atenção e foi o primeiro a ser transmitido pelo rádio.

Ademais, é imprescindível que o cânone bibliográfico sobre Sylvia também seja analisado com cuidado. Através dessa análise é possível perceber como a narrativa e até mesmo a personalidade de Sylvia são modificadas a cada migração. Assim, entre outros, obras como *O anjo pornográfico*, de Ruy Castro; *Sylvia não sabe dançar*, de Cristiane Lisbôa, em que a própria vida de Sylvia é ficcionalizada e propositalmente deturpada, adicionando elementos estranhos às outras obras como um suposto incesto; *A primeira tragédia de Nelson Rodrigues*, episódio de *Linha Direta*, série da globo; serão fundamentais na criação do diálogo proposto. A efeito de exemplo: *O anjo pornográfico* reforça a imagem de Sylvia como uma assassina insana, imagem amplamente divulgada pelo jornal dos Rodrigues após o assassinato, quando todos os dias vinculavam uma chamada<sup>133</sup> dizendo “MERETRIZ ASSASSINA! FAZ HOJE X DIAS que Sylvia Serafim, ex-Thibau, esposa adúltera, mãe infame, cujos vícios inspiraram uma escandalosa acção de divorcio, para maior liberdade de cadella de rua, feriu de morte Roberto Rodrigues [...] A meretriz assassina será castigada.” Em outra matéria, do dia 24 de agosto de 1930, número 557 de *A Crítica*<sup>134</sup>, após a morte de Mário Rodrigues, uma montagem em um artigo de Mário Filho mostra Sylvia rindo de forma debochada ao lado do caixão de Roberto Rodrigues, reafirmando a imagem desumanizadora mista de insanidade com frieza. Em oposição, Roberto Rodrigues, o assassinado, é descrito pela mesma nota diária como um mártir, um “artista de vinte e três anos de idade, chefe de família, profundamente honesto, com o fulgor de um grande talento e de virtudes inexcusáveis.” Uma vez mais, Ruy Castro (1992, p. 72-75) corrobora essa visão ao descrever Roberto como um artista genial e inocente. Importante notar que, de acordo

---

<sup>133</sup> Anexo 5.

<sup>134</sup> Anexo 6.

com Castro, o próprio Roberto cometia adultério abertamente, a despeito do repetido argumento utilizado pelo jornal e pela acusação no julgamento de que Sylvia era um perigo à família brasileira por supostamente ser adúltera.

Não apenas Roberto foi sacralizado, a morte trouxe honra também para Mário Rodrigues, e a edição de *A Crítica* em 06 de setembro de 1930 (MEMÒRIA Biblioteca Nacional) trazia que Mário Rodrigues foi “o maior jornalista de todos os tempos e que foi o renovador da imprensa carioca, á qual emprestou todo o fulgor de sua penna de estylista e de creador de beleza e o fascínio de sua inteligência prodigiosa e de sua omnimoda cultura.” Ademais, Castro (1992, p. 129) concede praticamente poderes sobrenaturais à jornalista, ao afirmar que, após a morte de Sylvia, “Era como se, mesmo morta, Sylvia ainda tivesse em suas mãos o destino de Joffre e não quisesse poupá-lo.”

Outras narrativas após *O anjo pornográfico* não fazem muito diferente. *Sylvia não sabe dançar* colhe o retrato feito por Ruy Castro e vai além, o transformando em ficção e tratando Sylvia não apenas como louca, mas também como incestuosa, além de criar um anacrônico relacionamento de Sylvia com Nelson. *A primeira tragédia de Nelson Rodrigues* busca uma espécie de redenção da imagem de Sylvia, mostrando-a simultaneamente como perpetradora e vítima de uma tragédia de erros. Quanto a este último, é interessante apontar que o vídeo do episódio, vinculado no Youtube, trouxe para um novo ambiente as disputas narrativas em torno da jornalista, em uma espécie de reedição dos argumentos utilizados durante o seu julgamento e sem a pretensão literária ou intelectual das adaptações. “Uma Mulher adúltera é a pior coisa que existe, a prova foi tanta que essa mulherzinha viveu amargurada, e tirou a própria vida , que Deus Nosso Senhor cuide da alma desse Rapaz que foi assassinado por ela !” diz um usuário, ignorando que o próprio assassinado era adúltero, ao que uma usuária responde: “que o Roberto Rodrigues vá pra PQP mulher adúltera é a pior coisa? E homem adúltero? E caluniador/difamador? Teve o que mereceu”; um terceiro comentário aparece “Na minha opinião ela é inocente!teria que ter matado toda família KKK”. Adiante, outro prossegue: “Era tão mentalmente equilibrada que se matou. E ainda fica o netinho ‘ain vovó era isso e aquilo’. Sua avó era histrionica e homicida, meu chapa”, ao que respondem “E difamada tbm, devia ter assassinado a família Rodrigues inteira pra aprender” e recebe uma réplica: “essa rampeira aí só entrou pra história como uma doida que não gostou de ouvir a verdade sobre a sua promiscuidade exposta nos jornais. Os 'ideais de liberdade' dela era mamar o médico enquanto era casada, que revolucionário, hein?!” As discussões

prosseguem por algumas páginas de comentários, ilustrando que o evento ainda mobiliza disputas semelhantes às de 1930.

### **Referências bibliográficas**

A Crítica. Um ultraje á família brasileira. *Memória Biblioteca Nacional*. Número 556, 26 de agosto de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>.

A Crítica. Em nome-pae-eu acuso! *Memória Biblioteca Nacional*. Número 557, 24 de agosto de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1992.

KUCINSKI, Bernado. *K.: Relato de uma busca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LINHA Direta. *A primeira tragédia de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 7 de junho, 2007. Programa de TV.

LISBÔA, Cristiane. *Sylvia não sabe dançar: pulp fiction de costumes*. São Paulo: Mercúryo, 2008.

Anexo 1: capa de *A Crítica* de 26 de dezembro de 1929

**Entra Hoje em Juizo Nesta  
Capital Um Rumoroso  
Pedido de  
Desquite!**

Director **Mario Rodrigues**

**Critica**

DECLARAMOS GUERRA DE MORTE AOS LADROES DO FOGO

ANNO 2 | Rio de Janeiro de Dezembro de 1929 | NUMERO 348

**Ha Uma Grande Ansiedade Publica em Conhecer os Motivos da Separação do Casal Doutor Tibau Junior**

**ALVEJOU A ESPOSA**



**Será o Conhecido Radiologista Dr. João de Abreu o Causador Directo da Dissolução do Lar Daquelle Seu Ilustre Collega?**

**Mme. Sylvia Tibau, Que Subscrive as Suas Chronicas em Jornaes e Revistas Com o Pseudonymo de Petite Source Esteve em Nossa Redacção**

**SINA CHORADA DE DES- PERDA**

**ENTRETERNA PREPARAN- TIA**

**EM CASO CLINICO**

Fonte: acervo familiar (1929)

Anexo 2: artigo de *A Crítica*

# Um Ultraje á Família Brasileira

## Os Amigos da Assassina Sylvia Serafim Tentam Equiparal-a ás Virtuosas Damas de Nossa Sociedade!

O diário clandestino do Sr. Figueiredo Pimentel continu'a insultando a honra da familia brasileira.

Depois de haver trabalhado, empregando os recursos mais torpes, no sentido da absolvição da assassina Sylvia Serafim, ex-Thibau, que motou com todos os requintes de criminalidade o nosso bom Roberto, causando assim a morte de Mario Rodrigues, o nosso mestre de hontem e nosso exemplo de hoje, tenta, numa tarefa indigna, equiparar essa criminosa vulgar ás nobre senhoras que constituem o cerne de nossa sociedade que sempre se emoldurou das mais excelsas virtudes e das mais altas maximas christãs e moraes.

A familia brasileira palra muito aelma de todas essas indignidades. As suas damas virtuosas, mães amantissimas e esposas santas que são verdadeiros poemas de meiguice, de virtude e de dedicações, representam muito bem o valor das reservas moraes de nossa raça, porque em suas vidas se reflecte o amanhã glorioso das novas gerações. Não será, pois, a figura de uma assassina hedionda e de uma desceaturada mãe que abandonou o

"Pettit Source", essa fonte ingente de desgraças, que reintegrará em seu seio onde a moral pontífica e os ensinamentos christãos são despetitados religiosamente.

Diz o Sr. Figueiredo Pimentel, requeintando de cynismo, em seu diário que ninguem lê, que senhoras de nossa alta sociedade floriram o gabinete do juiz Magarinos Torres, advogado de defesa e presidente do Tribunal do Jury que, por não a ter julgado de facto e de direito, absolveu a matadora cruel de Roberto Rodrigues. Desafiamos quem quer que seja a provar que as nobre damas de nossa sociedade — mães estremeçadas que têm o lar por apostolado e esposas que têm o vinculo conjugal por um sacramento — tenham emprestado sua solidariedade á perversa assassina.

E assim fazemos porque para nós é um dogma a tradicional honorabilidade que sempre assistiu á familia brasileira.

Mas epilogando os seus insultos á familia brasileira o hybridado Figueiredo Pimentel volta as suas iras para

cavalheiresco com que esse caudiceo tratou a "distincia" senhora Sylvia Serafim".

Se esse vocabulo não tem outra accepção, devemos reconhecer que a matadora do nosso bom Roberto, commettendo o crime que tanto nos abalou, não deixou de se tornar uma figura "distincia" nos annaes da criminalidade por force dos requintes de perversidade com que derramou o sangue joven do nosso inescusavel companheiro e amigo de todas as horas.

Quanto á actuação do Dr. Romeiro Neto, nós só ouvimos louvores pela elegancia de attitudes, a nobreza de gestos e a elevação de expressoes com que teve a sua peça de accusação no Tribunal do Jury.

O Dr. Romeiro Neto na sua vida luminosa de advogado e de chefe de familia sempre se distinguiu em virtude de sua honorabilidade e de sua integridade de caracter.

De Clovis de Abanches já não podemos ter o mesmo juizo, porque prohibido de advogar no Supremo Tribunal Militar, vive hoje explorando infelizes jovens num "dancine" que

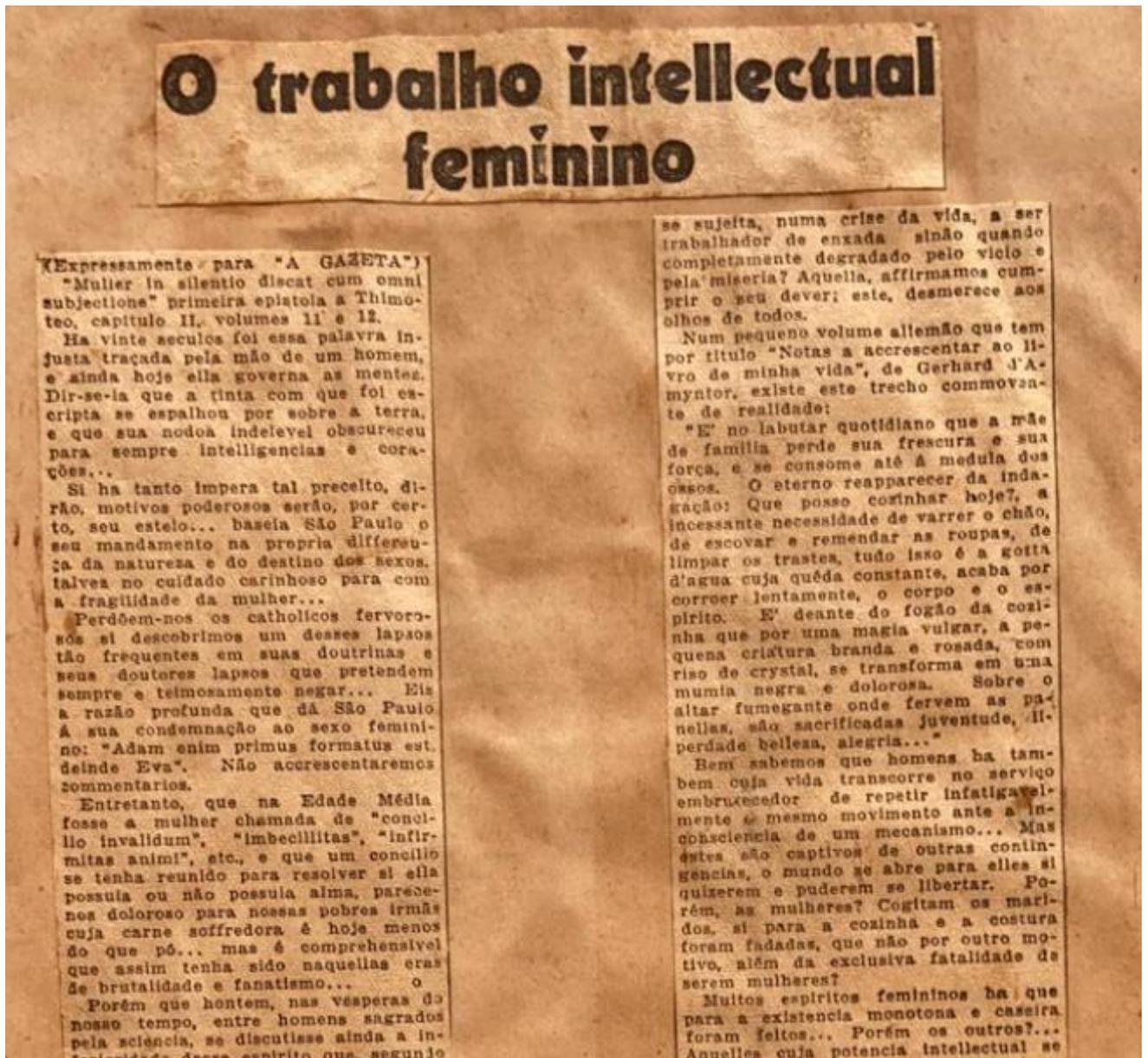
Fonte: *A Crítica*, Memória Biblioteca Nacional, 26 de agosto de 1930, edição 558

Anexo 3: artigo de Sylvia para *A Gazeta*



Fonte: acervo familiar.

Anexo 4: artigo de Sylvia publicado em *A Gazeta*



Fonte: acervo familiar.

Anexo 5: nota diária vinculada diariamente na capa de *A Crítica* do dia 27 de dezembro de 1929 ao dia em que o jornal foi empastelado, 24 de outubro de 1930



Fonte: acervo familiar (1930)

Anexo 6: montagem que ilustra artigo de Mário Filho *Em nome-pae-eu acuso!*, na edição 557 de 24 de agosto de 1930 de *A Crítica*



Fonte: Memória Biblioteca Nacional (1930)